

No limiar entre o homem e o inseto

Marisa Fefferman¹

Na sociedade do capitalismo globalizado, observa-se o recrudescimento da tendência totalitária em virtude do acirramento da contradição própria de um desenvolvimento tecnológico atrelado à reprodução da miséria e das desigualdades sociais. Nesse mundo tecnologicado, o progresso conduz à legitimação da intolerância através da padronização e valorização de condutas sociais calcadas no binômio superioridade-inferioridade. Um mercado voraz, que tende a combinar altos índices econômicos com elevados índices de marginalização de indivíduos da atividade produtiva organizada, desta forma *excluindo-os* da vida da sociedade, concorre simultaneamente para a desestruturação de laços comunitários e para o desenvolvimento de outros processos, como a delinqüência e a violência. O resultado é que a dimensão do 'outro' desaparece. A perspectiva de uma vida em comunidade e dos propósitos humanos se deterioram no conjunto da vida social.

Nestas condições, diz Crochik (1997; 45) a frieza é "componente necessário para suportarmos os resultados dos conflitos sociais, expressos no contigente expressivo de miseráveis, na negação do alívio da dor para muitos que não têm acesso à saúde, na contínua eliminação da dignidade humana que deve ser ofertada ao preço do mercado, na resignação a uma vida cujo sentido é continuamente expropriado pelos meios de comunicação de massa, na humilhação cotidiana de se ser continuamente enganado".

Por outro lado, a indústria cultural molda mentalidades, massifica os sujeitos, tornando-os passivos e acomodados frente a essa realidade. A prevalência da razão instrumental reduz o entendimento do mundo a algumas poucas e restritas categorias. O suporte de identificação dos sujeitos está nas prateleiras dos supermercados. O princípio da estandardização guia a indústria cultural e impede a formação de sujeitos autônomos. O indivíduo passa a pensar o mundo em categorias. O "ticket" (ADORNO, 1986) é a esterotipia, é a forma de responder à angústia do desconhecido.

Os indivíduos passam a ser diretamente socializados pela sociedade de consumo, o pensamento submete-se às leis econômicas que regem essas instituições, ao invés de conduzir suas decisões mediadas pela tensão entre as pulsões, a consciência moral e a realidade externa.

Promete-se o que não se pode cumprir. Mais que isso: impede-se a reflexão sobre a frustração do desejo.

A subjetividade é, assim, deglutida pela máquina e a razão individual dissolve-se na lógica da razão instrumental. Do indivíduo autônomo, capaz de transformar a realidade que o circunda, resta apenas vaga lembrança. Determina-se uma maneira de agir desgarrada de valores éticos, produzindo formas inéditas de desamparo, em que a violência perpassa quase todas as relações sociais. Os ideais, hoje, são autocentrados e a ordem social conduz necessariamente os sujeitos e os grupos sociais para o pólo narcísico de sua estrutura simbólica.

Dessa forma, no processo de individuação a diferença e alteridade são imediatamente transformadas em signos hierárquicos infalíveis de superioridade e inferioridade. A intolerância se funda na impossibilidade de convívio do sujeito e do grupo social com a diferença do outro. O sujeito, não podendo suportar qualquer diferença racial, étnica, estética, política ou religiosa, atua no sentido de invalidar e anular a diferença; a violência passa a ser o desenlace inevitável.

A constituição da subjetividade não preserva a mediação entre desejos e proibições; isto é, devido à escassez de modelos fortes de identificação, a formação do Ego é frágil. Os modelos de identificação são substituídos por outros modelos cujos contatos são rápidos e superficiais, quando não indiretos, através dos meios de comunicação. Perde-se com o enfraquecimento do ego a possibilidade do confronto entre os modelos de identificação, que permite a diferenciação individual. Assim, não é mais possível opor-se ao poder, mas somente identificar-se com ele. O superego é orientado, de uma forma exagerada, por agências sociais: não há mediação entre indivíduo e cultura.

Em "Psicologia das massas e análise do eu", Freud afirma que é através da identificação de modelos variados dos membros de um grupo que podem ser representados por um líder ou por idéias, que o indivíduo constrói seu ideal de ego. Todavia, quando a relação com "o ideal do ego" se enfraquece, ocorre o mesmo com os vínculos sociais: a identificação com o ideal é ameaçada e pode-se ter como conseqüência a barbárie.

A atualidade social não nos oferece possibilidade de experiências. Assimilam-se passivamente os conceitos. Padronizam-se hábitos, comportamentos e pensamentos.

¹ Psicóloga do Instituto de Saúde, doutoranda do Instituto de Psicologia da USP.

Assim, a fusão de necessidades objetivas e subjetivas, da não-diferenciação e da não- individualidade, produz a subjetividade atual.

A fragmentação da subjetividade surge como uma nova forma de subjetivação, que enfatiza a exterioridade e o autocentramento - cultura do narcisismo (LASH, 1990) e pela sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997) - e é desinvestida das trocas inter-humanas. Configura-se dessa maneira um cenário fértil para a explosão da violência.

A violência literalmente 'toma corpo'. O sujeito produzido pela cultura de massa, na ausência de projetos sociais compartilhados, encara o outro apenas como objeto. Nas situações de violência concreta, os princípios fundamentais do direito à vida e à interdição da morte não estão garantidos.

Na sociedade brasileira, em face da desigualdade social, a violência assume diferentes feições: crime organizado, guerra do tráfico, arrastões. Além desse tipo de violência, deparamo-nos a todo instante com "microcenos" de violência: humilhações e discriminação impingidas às crianças, aos negros, às mulheres, aos homossexuais e marginalizados em geral. Essa violência sistêmica subverte os valores da cidadania e corrói o domínio da lei. Isso se expressa na solidão e no medo diante de uma sociedade sentida como perigosa e hostil.

É necessário, portanto, um pólo legislador entre a cultura e o indivíduo, capaz de garantir uma rede simbólica que lhe ofereça segurança mínima, que possibilite a constituição de um projeto identificatório, caso contrário a relação entre o indivíduo e a cultura culminará num colapso (BIRMAN, 1994).

Como pensar na construção da subjetividade em uma sociedade que tem na violência sua forma "natural" de agir?

A naturalização da violência nos torna impotentes para lidar com a realidade. Os indivíduos, destituídos de força no agir, não vislumbram a capacidade de modificarem a si próprios e ao mundo que os rodeia. A ameaça do medo constante gera conseqüências: a ausência de solidariedade humana, a indiferença para com a miséria e a tolerância com a corrupção e a impunidade. A banalização da violência intensifica a sua precipitação.

A violência* se opõe à ética, na medida em que a ética pressupõe o sujeito racional, voluntário, livre e responsável: não considerá-lo a partir destes pressupostos é tratá-lo como coisa. Vive-se, portanto, um processo de 'coisificação' dos sujeitos numa sociedade reificada.

Torna-se imperativo repensar as condições éticas das relações sociais existentes e o risco de que se considerem racionais as atitudes e convicções que vão de encontro aos interesses básicos do homem, ou seja, a preservação da própria vida.

Não podemos nos contentar simplesmente em constatar a atual realidade e afirmar que a espontaneidade da humanização foi substituída pela cega aceitação de uma condição sub-humana. Como diz Adorno (1941:

48): "Mesmo a crença de que hoje o povo reage como insetos e está degenerado em meros centros de reflexos socialmente condicionados, é apenas aparente. Pelo contrário, a espontaneidade é consumida pelo tremendo esforço que cada indivíduo tem de fazer para aceitar o que lhe é imposto. (...) Para se transformar em um inseto, o homem precisa daquela energia que eventualmente poderia efetuar a sua transformação em homem."

É nessa brecha, nessa energia, que temos a obrigação de estar atentos.■

Referências Bibliográficas

- ADORNO, T.& HORKHEIMER, M., "Dialética do esclarecimento", tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1986.
- ADORNO, T. *Sobre a Música Popular*- Reproduzido de Adorno T.W. & Simpson, G. On popular music. In: Horkheimer, Max, ed. Studies in Philosophy and social science. Nova York, Institute of Social Research, 1941. v.IX, p.17-48.
- BIRMAN, J. *Psicanálise Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1994.
- CHAUÍ, M. S. *Participando do debate sobre a mulher e a violência*. Perspectivas antropológicas da Mulher. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- CROCHIK, J.L. *PRECONCEITO – indivíduo e sociedade*. São Paulo, Ed. Probel, 1997.
- DEBORD, G.. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro. Ed. Contraponto. 1997.
- LASH, C. *O Mínimo Eu - Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1990.



* Segundo Chauí (1985), Violência vem do latim 'vis', força, e significa: 1 - tudo que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser; 2 - Todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3 - todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por um sociedade (é violar); 4 - Todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém como uma sociedade define como justas ou como um direito; 5 - Conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais, definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.